2.º anno | Lisboa, 20 de julho de 1885 | Numero 1

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

SUMMARIO

ALCANTARA

CHRONICA

QUANTAS coisas se teem passado desde que eu, madraceando na paz encantadora e adoravel d'um *far niente* dulcissimo, abandonei o *varanda* da Chronica, para ir retouçar á solta, como qualquer collegial sedento de liberdade, par essas campinas d'extra-muros fóra, alagadas de sol e d'aromas!

Que de coisas estranhas, que de factos extraordinarios, que de acontecimentos patuscos ahi houve!

E' sempre assim.

Passa a gente semanas e mezes inteiros, bordejando no lago estagnado da semsaboria, em procura d'uma noticia a que se agarre, d'um escandalosito de que se socorra ou d'uma facecia que explore, e a noticia escapa-se-lhe, e o escandalo tem medo de deitar a cabeça de fóra, e a facecia fica adormecida nas profundas do tinteiro, envolta na sua tunica fria e negra, mais negra que o espirito do chronista, mais fria que uma noite de dezembro.

Interroga-se a politica, e a malvada responde-nos com um discurso de *cliché*, replecto d'indignações grotescas. Sondam-se os astros, e os astros permanecem mudos, na sua serenidade imbecil de sertanejo idiota, sem nos denunciarem a mais leve perturbação athmospherica, sem nos prometterem, n'esta ou n'aquella mancha sinistra, que amanhã cairá chuva a potes, ou tombará, desapiedado, sobre as nossas cabeças, um raio flammejante das iras celestes.

Chega-se até a interrogar o oceano revolto, á procura d'um assumpto, e, como na canção hespanhola,

> Sabes tu lo que dicen,
> tristes y solas,
> al morir en la playa las turbias olas?
> Niña adorada,
> te lo diré en secreto:
> —No dicen nada!

Nem uma nem duas: absolutamente nada.

Um bello dia, sobraçando a mala de *touriste*, com a paz na consciencia e o mais alegre dos nossos sorrisos nos labios, arriscamos uma villegiatura barata de tres semanas. O cocheiro bate para Cintra. A tipoia parte, fazendo zig-zagues caprichosos na fita branca da estrada, d'onde se levanta uma poeira subtil e asphixiante.

A penna de *reporter* ficou em casa, enferrujando-se na imperturbavel tranquillidade do seu isolamento. Nem um quarto de papel vae comnosco, na bagagem ligeira. Borboleteando ao acaso pelas azinhagas de Cintra, entre as moitas balsamicas de madresilva florida, o nosso espirito alheia-se completamente de tudo quanto seja escrever para os outros, e voeja pelos recortes rendilhados do castello da Pena, que se desenham n'um fundo azul, limpido e puro, de scenographia fanthastica.

Pois é n'esse momento psycologico que a noticia vae procurar-nos, e que o escandalo se impõe aos nossos commentarios. E' exactamente n'essas horas de suavissimo repouso que os acontecimentos pullulam, brotando como cogumellos de cada canto, fervilhando irrequietos aqui e ali, perto e longe, ao alcance do nosso olhar ou para lá da linha das nossas fronteiras.

Uma troça do destino.

*

No melhor do nosso remanso foi surprehender-nos a revelação de que havia para as bandas das Vendas Novas um *menino virtuoso* de nascença, encarregado por Deus de curar os achaques da humanidade com as ervas campestres que até hoje serviram para repasto dos brutos.

Esta noticia, de per si só, não dava apenas uma chronica; servia de mote a um poema heroe-comico em doze cantos, já que não servio d'aviso á policia para encaixar o santinho milagreiro na Casa de correcção e os authores dos seus preciosos dias na cadeia.

Revelar-se o thaumaturgo e cair na charneca das Vendas Novas uma chusma d'imbecis de todos os matizes e camadas, foi obra d'um momento, como se diz na epistolographia amorosa do *Diario de Noticias*.

Chegou-se a inventar doenças e molestias rebeldes, só para conhecer de perto o *menino* e provar das ervas bemditas.

Com a persciencia mais perfeita e completa da imbecilidade indigena, os paes do *virtuoso* deram uma variante ao velho proloquio que aconselha *papas e bolos para ensinamento dos tolos*, e resolveram-se a ensinal-os com erva, como coisa mais barata e mais adequada á indole e qualidade dos educandos.

Os tempos corriam mal para a lavoira. A terra parecia amaldiçoada por Deus, e não dava senão rosmaninho e cardos. N'estas circumstancias, a *santa* familia do pequeno, vendo-se sem pão na arca e sem vintem no pé de meia, recorreu aos cardos e ao rosmaninho do monte. Os imbecis haviam de cair por força na armadilha, e preparando-lhe a queda fez ella muito bem. Cada qual governa-se como póde.

Depois, o commercio d'aquella honrada gente não aproveitava só ao *virtuoso* e seus maiores: ia bafejar as hospedarias, os tendeiros, os donos das deligencias, o proprio Estado. As receitas do caminho de ferro do Sul e Sueste augmentaram descommunalmente n'estes ultimos tempos, graças ao poder magico das ervas do *menino*; e explica-se por tal facto a protecção que os poderes publicos dispensam áquella industria florescente.

D'ahi, não caem todos os dias do Ceu santinhos milagrosos, que se encarregem de sarar as pustulas da humanidade e de encher de passageiros os comboios da linha do Sul. Quando apparece algum, a policia leva-lhe bonbons de presente, e as damas caritativas do grande mundo, movidas d'um sentimento de piedade mystica e de devoção profunda, educam-n'o para ecclesiastico, a expensas do seu bolsinho generoso, no Seminario de Santarem, sob a egide paternal da nobreza de *élite*.

E' o que vae succeder ao thaumaturgo das Vendas Novas, em premio da sua velhacaria precoce.

Provavelmente, impingem ao pae do santinho a Carta de Conselho, embora elle allegue que não sabe ler por cima, e á mãe, o menos que lhe fazem é nomeal-a apalpadeira da Alfandega, mesmo sem ter sido creada do sr. Barros e Sá.

Ora tndo isto, em cujo fundo negro se amalgama a estupidez mais completa com a exploração mais torpe, servir-nos-ia d'incentivo para rir a bom rir, se não denunciasse a existencia perniciosa d'uma immoralidade crescente e d'uma decadencia de costumes profundissima.

Todo este *rally-paper* de miserias nos arrancaria da penna um adjectivo faceto, se não vissemos por ahi estalar de fome tantos paes honrados, para cujos filhos se fecham as portas dos asylos, exactamente quando para o *menino virtuoso* se abre de par em par o Seminario de Santarem.

=Menos feliz que o santo milagreiro das Vendas Novas, o doutor Ferran do reino visinho vio eclipsar-se a sua estrella, e teve de suspender, por mandato das authoridades, as inoculações do *bacillus-virgula* attenuado. Tão efficaz como as ervas do *menino* de cá, o processo micrographico do *menino* de lá tinha, ao que parece, a propriedade de fazer morrer de cholera quem, antes da inoculação, não fôra atacado pelo flagello. No dizer de varios medicos de Granada e Valencia, a vacina produ-

zia o effeito contrario: em vez de preservar do contagio, matava.

No entanto, Ferran poude ainda fazer, antes do *veto* policial, uma larga colheita de pesetas, *tal qualmente* como o futuro clerigo das Vendas Novas; e se lhe não deram o premio Montyon, de 20:000 duros, ou se, por ser já muito crescidinho, não houve uma alma caridosa que o mandasse educar canonicamente n'um seminario, teve, como o outro magico infantil da peninsula, seu collega, a felicidade de não ir parar á cadeia.

==Completamente despreoccupados do cholera, que se alastra por todas as provincias de Hespanha, fazendo victimas aos milhares, e que vem, com pés de lã, approximando-se de Badajoz, depois de nos emporcalhar ainda mais as aguas do Tejo immundo, e de nos roubar as *delicias* dos banhos das barcas, os nossos elegantes de ambos os sexos abandonam pouco a pouco o Chiado, a Explanada dos Recreios, os bailados do Justino, os concertos do Jardim Zoologico, a *Niniche* da Trindade, e trocam tudo isso pelos seus *chalets* campezinos, ou pelas aguas ferruginosas e alcalinas das estações thermaes, onde mergulhem o corpo.

A moda assim o exige, e os discipulos fieis d'esta soberana caprichosa não podem esquivar-se ao cumprimento do seu mandato imperativo.

É por isso que Lisboa se converteu n'um ermo tristonho, onde o sol de julho dardeja a prumo, fazendo estoirar as cigarras solitarias e morrer de calor e de tedio os miseros chronistas do jornalismo indigena.

CASIMIRO DANTAS.

LYRICAS

I

Tenho-te muito amor!
Tu amas-me tambem?
Mulher, casta cecem,
Sorriso do Senhor!

Tu deves, linda flor,
Tu deves, doce bem,
Amar, amar tambem,
A quem te vota amor.

E não exacerbar,
O' luz crepuscular,
O meu atroz soffrer!

Serás a minha luz?
Serás a minha cruz?
Oh! tudo podes ser!

II

Sorriste! que ventura!
Que abençoado dia!
A esmola que eu pedia
Era essa, creatura!

Já nada me tortura
E tudo me extasia!
Abraça-me, alegria,
Oh! foge, desventura!

A vida como é bella
Sorrindo-nos a estrella
Que nossos passos guia!

Bem hajas, flor celeste,
Bem hajas, que me deste
A esmola que eu pedia!

M. S.

A CANTADEIRA

N'UM domingo, antes da missa, estava toda a gente da aldeia a querer averiguar se uma rapariga, que ali chegára n'esse dia, era do logar ou não era.

—Aquelles olhos castanhos...

—Por onde terá, aquillo, andado?

O sachristão disse:

—Sempre me quer parecer que havia de nos fallar, se fosse ella.

—Valha-o Deus! Vocemecê não a conhece. Soberba, como a d'essa rapariga, ainda a não vi n'outra. Era preciso fallar-lhe a gente primeiro, para ella dar os bons dias. A pêga faz o ninho no ramo mais alto do chôpo: assim toda a idéa d'ella foi trepar para nos olhar de cima. O Sebastião queria-lhe como quem quer d'alma, mas nunca logrou que ella lhe désse palavra de noiva.

Durante a missa houve um bichanar constante ao ouvido uns dos outros emquanto apontavam a dedo a forasteira, que parecia não reparar n'isso sequer, cravando os olhos no chão.

Era uma bella rapariga, alta e bem feita, com um não sei quê de aggressivo e de dominador. Nem timidez, nem embaraço; graça aspera e brava; propriamente mulher do campo, sem ser das que apparecem pintadas nos leques: belleza da serra, pittoresca, scintillante, radiosa; acre como a fructa verde.

Estava apinhado de gente o corpo da egreja quando a missa acabou, e a rapariga teve que esperar, encostada á grade de um altar, que o povo fosse sahindo.

A poder de olharem para ella e de a irem mostrando uns aos outros demoraram-se mais, e isso deu tempo a que o prior lhe viesse ao encontro e lhe dissesse com ar de grande benevolencia:

—Muito bem apparecida! Por cá!

A rapariga curvou-se e respondeu com voz firme:

—Não havia de matar-me Deus sem eu aqui voltar.

O prior disse-lhe com um bom sorriso:

—Quero fallar comtigo.

E seguiram até á sachristia onde ficaram sós, calados por alguns instantes, até que o prior, parecendo encher-se de animo, como se procurasse consolal-a:

—De Deus é que é esperar tudo, e só d'Elle, lhe disse.

Ella sorriu-se com tristeza:

—Se aqui voltei, senhor prior, é porque adivinho a morte.

—O termo da existencia de cada creatura só Deus tem o poder de o saber. Vê Elle nas lagrimas dos infelizes a suprema appellação para o bem, e se a tua alma humilde lhe pedir forças para expiar o mal na contricção...

—A minha alma tem saudades, e, todo o meu mal, e o d'ella, é esse!

—Saudades de quem te perdeu, sem se lembrar dos votos que o prendiam!

—Tinha trinta annos! retorquiu a rapariga no tom de quem defende.

—Trinta annos, sim, e um genio fatal e ardente. Só eu sei até que ponto o demonio se apoderou da sua alma. Na aldeia ninguem no soube: ninguem ainda hoje o sabe. Só eu conheço a historia miseranda d'essa loucura, e tu propria ignoras a lucta que houve n'aquelle coração. Quando elle chegou da cidade, disse-me que a sua idéa era alcançar uma capellania militar, aqui perto, vaga n'aquella occasião. Vivia ahi para o lado da serra. De uma vez convidei o a encarregar-se da predica para a festa da nossa aldeia. Julgo ainda estar a vêl-o na manhã da sua chegada, montado n'um macho grande de arrieiro; e de capote traçado, ondeando ao vento. Figura esbelta! Agradaram-se d'elle os parochianos extasiados da sua palavra e da sua voz. Na tarde d'esse dia acompanhou a procissão, ao lado do palio, já no seu trajo profano, e sentia-se saudade, ao olhar para elle, da festa da manhã, em que havia apparecido envolto na batina...

A rapariga estremeceu.

—Mas, nem uma palavra, nem uma pergunta, nem um gesto denunciaram que a aldeia lhe houvesse dado mais doces impressões do que as da innocente simplicidade da vida do campo. No pouco tempo que aqui se conservou, parecia feliz nas condições d'esta existencia serena. Pareceu apartar-se saudoso, isso sim, mas a boa fé que me inspirava fez que eu attribuisse isso á estima com que devia ser grato á minha amisade. As suas cartas tiveram mais tarde a coragem de revelar-me tudo. O poder do mal encadeára-o ao ponto d'elle julgar que já Deus lhe não bastasse. Fugiu; fugiu-te. E quando as minhas mãos se erguiam para agradecer o raio de graça que o alumiára, tiveram que baixar-se tremulas para te abençoar, a ti, que ias partir! Juraste-me que o não seguirias e que havias de ter o valor de remires o teu erro na expiação... Agora voltas! Que fizeste em todo este tempo?

—Estive com minha mãe. No sitio onde ella vive, a vinte e sete leguas d'aqui, ninguem nunca me tinha visto, nem eu nunca d'alli vira ninguem. Desde que minha madrinha tomou conta de mim em pequena, nunca minha mãe aqui viera, nem eu sahi de

cá nunca mais. Era tão natural ir eu vel-a, que todos, sem desconfiança, me abriram os braços. A velhinha, coitada, estava bem longe de suspeitar porque me visse... Ainda tem forças para ir todos os dias, antes do romper da manhã, buscar lenha aos pinhaes e voltar carregadinha de feixes que vae vender aos fornos: para me ouvir o que eu lhe poderia contar, é que ella não teria forças! Parti outra vez, para a não matar. Sempre lhe ouvira dizer que as creaturas são como tijolos, cosidos todos na mesma fornalha e seguindo depois seu destino; uns em ladrilho de estalagem, que todos pisem, outros na parede da casa pobre e honrada, outros no cimo de uma torre, e outros no fundo de um poço... Como estes é que eu sou: mal o sabe ella, coitada!

O prior abraçou-a chorando, emquanto ella, suffocada, beijava a mão que lhe estendia o padre, como que repellindo-a ao mesmo tempo, para terem ambos o valor de se apartarem.

Quando a rapariga entrou pela primeira vez, depois do seu regresso, na humilde casinha em que d'antes residia dentro da cerca da madrinha, estremeceu toda. Não havia alli senão uma tosca meza, uma arca, duas velhas cadeiras, um armarinho encravado na parede, um leito, e um crucifixo.

A'quelle crucifixo, áquelle doce typo agonisante das miserias da terra, emblema da humanidade e symbolo de todos os emblemas que a allumiam, resára ella muitas vezes nas horas em que a sua alma, receiosa de se perder n'este mundo, implorára do ceu a força que o amor lhe ia roubando.

Mais a fez agora estremecer a tristeza, quando nem sequer sentiu desejo de resar. Avistavam-se umas flores á entrada da cerca, umas dhalias roxas, em que lhe pareceu sentir a friagem das saudades sem esperança...

O sentimento da ausencia, a melancolia de estar perdida toda a alegria e toda a possibilidade de tornar a tel-a, continuou a pesar-lhe no peito, mais e mais, de dia para dia.

Um rapaz do sitio, que desde creança lhe queria muito e fizera sempre deligencias de a alcançar por noiva, tornou, tão depressa a viu de novo, a requestal-a.

Mas, a rapariga não tinha por elle senão uma simples estima, sem amor, sem idéa d'isso.

Era um rapagão expedito, airoso, de cabello escuro, olhos pequenos e redondos, pelle branca como a de uma mulher.

Com uma simples vista fazia-o ella dobrar-se-lhe como uma roseira ao sopro de um norte rijo. Os rapazes do sitio não entendiam por que artificios aquella natureza varonil e energica se alquebrava e se rendia assim ao mysterioso influxo dos desdens de uma mulher.

O desgosto de se ver regeitado foi-lhe cavando amarguras, e o pobre rapaz, para as dissipar, pediu á embriaguez o esquecimento que a sua rasão lhe não sabia dar. Principiou então a evitar occasião de se encontrarem, e a rapariga pensou que isso fosse apenas a declinação d'aquella febre amorosa.

O rapaz, entretanto, deixara de trabalhar, e, a pouco e pouco, se fôra encontrando n'uma miseria de ebrio, sem estima e sem pão. Cahiu uma noite, de cançasso, á porta de uma taberna onde os trabalhadores do logar estavam a comer e a beber, sem que nenhum lhe offerecesse do seu prato nem do seu copo.

Quando a rapariga soube do lamentoso estado a que o pobre rapaz chegára por amor por ella, foi tão decidida e resoluta ao seu encontro, que elle nem teve tempo, nem animo, de a evitar, apesar de a avistar ainda longe.

—Anda cá! gritou-lhe. Que mal te fiz? Já me não queres fallar,—nem me dirás porque rasão te encontram de noite estirado ás portas e ninguem te vê de dia nas fazendas, á hora do trabalho?

Primeiro, elle calou-se; depois, como que envergonhado:

—Se me tivesses dado uma palavra boa, tinhas-me salvo; hoje nem Deus. Toda a pena é teres tão pequena alma n'um corpo tão bonito. Quando passaste da primeira vez deante de mim, agora, desde que voltaste, cuidei que viesses mudada. A bem dizer como a agua do rio quando lhe dá a luz das estrellas, assim me parecias ter nos olhos uma doçura que viesse do ceu...

—E lembraste-te de mim, alguma vez, em todo o tempo que eu estive longe?

—Sempre te via. Come era, não sei. Parecias um phantasma, que me sahia do coração.

Ella estendeu-lhe a mão com tristeza:—Perdôa! disse.

Ficaram a olhar um para o outro, por instantes. Depois desviaram a vista ao acaso, pregando-a vagamente nos cerros que lhes ficavam em frente, carregados de cepos, e na egrejinha da aldeia com a sua torrinha branca e esguia.

Hia cahindo a tarde. Apenas o murmurio leve de um regato, que passava n'aquelle sitio, quebrava docemente a mudez do campo. As arvores banhavam-se na erva e nos juncos; o golpheão espalhava as folhas ao de cima da agua dormente; estremeciam e palpitavam os arbustos com o intermitente respirar da noite; as flores desabrochavam languidas; mal circulava, tépida, a aragem, n'aquella escuridade humida e tufosa...

(Conclue no proximo numero.)

JULIO CESAR MACHADO.

BISAVÓ

Essa doce velhinha, a quem a Morte
Deixou piedosa na sua paz sagrada,
Fel-a o capricho original da sorte
Mãe tres vezes,—amiga e idolatrada!

Que longa vida e que ditoso norte!
Estrellas sempre na florida estrada!
Nenhuma nuvem que a ventura corte...
Certo a protege uma invisivel fada!

Como rosa do monte, que as abelhas
Cercam zumbindo n'um murmurio ardente,
As criancitas frescas e vermelhas

Beijam á bisavó a mão tremente,
E ella, cheia de rugas e de engilhas,
Chora e sorri deliciosamente...

1885. JOAQUIM DE ARAUJO.

AS FLORES DE LARANJEIRA

ERAM primos.

Ella tinha dezeseis annos e elle dezesete.

A infancia passaram-n'a juntos, na grande quinta que o pae d'ella tinha ahi para as bandas de Setubal.

De manhã muito cedinho, quando o sol começava a espreitar por entre os ramos espinhosos das laranjeiras, já lá os via a ambos, muito alegres, muito desempenados, a correrem pelas estreitas ruas do pomar, a fazerem a sua colheita de flores de laranja nos seus bibes muito brancos, accordando com a sua algazarra ruidosa alguns pardaes mal comportados, que dormiam ainda, com a cabeça debaixo da aza, o somno atrasado dos que perdem a noite na vida airada.

Ella era um encanto de pequena. Muito branca, muito bem feitinha, com uns olhos azues que pareciam pintados com a mesma tinta com que a Primavera pinta o ceu da Peninsula, os cabellos louros cahidos, em caracoes, sobre o amplo collarinho á maruja, e desenhando-lhe na testa, em penugem dourada, uns *chiens* muito atrevidos de mundana de Robida, parecia uma senhorina vista muito ao longe.

Elle, de cabello negro cortado á escovinha, trigueiro, musculoso, varonil, muito fresco, muito endiabrado, com uns olhos pretos, muito grandes, que lhe tomavam quasi a cara toda e que brilhavam tanto que pareciam que tinham luz lá dentro, era forte como um touro e valente como um leão.

Os troncos das arvores andavam n'uma dansa com elle. Quando o vento da noite não entornava bastantes flores das laranjeiras pela terra, o pequeno trepava pelas arvores acima e fazia do chão do pomar um enorme tapete branco e perfumado, por onde ella, a priminha, se rebolava toda alegre e contente, estonteandose com os aromas fortes que rescendiam das flores virginaes, todas humidas ainda do orvalho.

E depois, quando ella tinha o bibe cheio de flores de laranja e corria para casa triumphante com o seu enorme braçado, elle então, o patife do pequeno, tinha um prazer enorme em lhe roubar, uma a uma, todas as flores que a pequena levava, com grandes gargalhadas d'elle e com energicos protestos e alguns murros d'ella.

E elle deixava-a bater com uma bonhomia de terra nova. Apanhava cada sova monumental que ás vezes lhe enchia os braços e os hombros de nodoas negras, e ria-se e ia apanhando, sem se importar com isso, com a serenidade olympica da consciencia da sua força superior, sentindo um grande prazer estranho em se fazer fraco diante da fraqueza franzina d'aquella pequena creaturinha loira, que elle adorava.

Tudo ia muito bem assim, isso ia, mas...

Um dia começaram logo muito cedo a apparecer visitas em casa. Ao accordar, o pequeno encontrou, deitada ao seu lado, na cama, uma espingarda enorme, uma espingarda a valer, com fulminantes e tudo. Levantou-se e esbarrou n'um cavallo quasi do seu tamanho, um cavallo com pello, com arreios, um cavallo a quem só faltava fallar.

A priminha esperava-o á porta do quarto sobraçada com um embrulho maior do que ella—era um velocipede, um velocipede verdadeiro, um velocipede bom, tão bom, que lhe fez logo dar um trambulhão apenas se escarranchou n'elle.

—Muitos e muitos parabens, Quin, disse-lhe a priminha, empurrando-lhe o embrulho.

—Ah! hoje é o dia dos meus annos! lembrou-se o pequeno muito contente.

—Sim senhor; e já lá tem, para o almoço, pão de ló e trouxas de ovos... E já veio o tio Ezequiel, e a prima Chica, e a D. Bernarda e os pequenos...

—Que bom! que bom! murmurou o Quin, batendo as palmas, e

ATÉ Á VOLTA!...

dando um beijo na Lulu, na priminha que lhe dava tão boas noticias e tão bons prezentes.

E todo esse dia foi um regabofe completo. Ao jantar, fizeram-se muitas saudes ao menino nascido. O Quin, pela primeira vez na sua vida, bebeu Champagne e gostou, e tornou a beber, e fez o seu *debute* n'essa coisa que se chama—grão na aza.

Ficou alegrote, electrisado; tomou parte nas danças depois de jantar; foi par da Lulu e parecia-lhe que tudo dançava com elle, as cadeiras, as mezas, as luzes...

E ria-se, ria-se muito, com uma galhofice expansiva, e impava de felicidade.

Deitou-se fóra de horas, quando a ultima visita se foi embora: e deitou-se porque o deitaram, que não tinha vontade nenhuma d'isso.—O dia parecera-lhe ainda pequeno, e adormeceu remoendo este desejo, que no fim de contas o tempo realisa com uma rapidez medonha:

—Quem me dera fazer outra vez annos!

*
* *

Os dias succedem-se mas não se parecem.

E' uma grande verdade embrulhada n'uma banalidade chochissima. No dia immediato, o pae do Quin chamou-o ao seu escriptorio pela manhã cedo.

O pequeno foi a correr, pensando que era ainda algum prezente esquecido da vespera.

—O que é, papa?

—O menino fez hontem dez annos...

—Sim senhor, e quem me dera ja fazer os onze.

—Está já um homemsinho, continuou o pae: é tempo de começar a tratar da sua educação, e por isso: hoje é quinta, tem amanhã, sexta, depois sabbado e domingo, e na segunda feira vae para o collegio.

—Para o collegio? repetiu o Luiz abrindo muito os olhos, começando a reparar que o fazer dez annos não é tão bom como isso.

—Sim senhor, para o collegio, para Lisboa.

—Para Lisboa? repetiu elle espantadissimo. E a Lulu vae tambem, pois não vae?

—Não senhor. Então o menino queria que a sua prima fosse para um collegio de rapazes, ou queria então o menino ir para um collegio de meninas?

O Luiz não respondeu nada. Tratou de se safar quanto antes do escriptorio, porque tinha sua vergonha de mostrar o beicinho que se sentia ja a fazer, e refugiado no seu quarto chorou a bom chorar.

Não tinha já mãe, coitado, a quem confiasse as suas maguas. A tia em casa de quem fôra educado, a mãe da Lulu, não morria de amores por elle e presentia mesmo que ella não fôra alheia á tal negregada idéa do collegio. A sua esperança toda era a Lulu, a sua querida Lulusinha. A Lulu era o ai Jesus da casa, e se ella chorasse, se ella gritasse, se ella adoecesse por elle se ir embora —e não fazia mais do seu dever, porque elle se estava triste como a noite era por causa d'ella—se ella adoecesse, elle não partiria para Lisboa e ficaria servindo-lhe de remedio.

E a Lulu não illudiu a sua confiança. Quando soube que a iam apartar do priminho, do seu companheiro de toda a hora, fez um tal berreiro, que a sentença foi commutada na pena muito mais suave de collegio de Setubal.

Era muito melhor do que o mau que estava para ser, mas muito peior do que o bom que era até então.

O dia não tinha fim para o Luiz desde as nove horas até ás quatro, e passava a voar das quatro até á noite. Depois vieram as preoccupações dos estudos, as lições que custavam a decorar como a breca, toda aquella enorme massada dos verbos, das sommas, e dos reis que houve, e dos rios que ha, e adeus a boa vida descuidada de pela manhã até á noite, da brincadeira perpetua com a priminha, d'essa vida deliciosa que teve por epilogo triste o alegre Champagne dos dez annos.

*
* *

Finalmente um dia isso mesmo acabou. Luiz foi mettido no comboio e arrastado para a Escola Academica de Lisboa, e a Lulu, que ficou lá lacrimosa e triste, foi tambem d'ali a semanas, conduzida para o Bom Successo, para começar a fazer a sua educação de menina prendada.

E os dois pobres pequenos, choraram, arreliaram-se, amaldiçoaram a sua sorte, mas não tiveram remedio senão resignar-se.

E resignaram-se tão bem, que ao cabo de quinze dias Luiz era já doido pelo Manduca, um brazileiro que lhe tirava os significados, e Lulu já não pensava senão na Lotinha, a filha d'um conselheiro que lhe emprestava as suas bonecas, que tinham vestidos de seda e de veludo que eram uma riqueza!

No primeiro anno o Luiz não se aprompiou para o exame em julho, e passou as ferias em Lisboa a estudar; no anno immediato a Lulu teve um ataque de sarampo exactamente em setembro, no mez em que devia ir a casa; no outro anno não sei o que houve, o que sei é que só no fim de sete annos o acaso juntou na mesma quinta de Setubal os dois priminhos que tanto se queriam.

Ao avistarem-se, instinctivamente correram um para o outro, de braços abertos, avançando muito desabusados, os labios avidos dos beijos infantis d'outr'ora.

Ao aproximarem-se, porém, estacaram e olharam espantados e envergonhados um para o outro.

Já se não conheciam. Elle tinha um bigodesinho curto, ella tinha um vestido cumprido.

—Lulu!..

—Quin!

—Iam para dizer:

Mas os labios não se atreveram.

—Primo! disse-lhe ella estendendo-lhe a mão.

—Prima! murmurou elle acanhado, apertando nas suas aquella mão branca, delgada, bem cuidada, de senhora, em que já não conhecia aquella mãosita pequena e leve que lhe fizera tantas nodoas negras. E apertou-lh'a um pouco demais talvez. Ella corou... e retirou logo a mão.

E entre os dois, trocados estes cumprimentos graves, houve uma certa frieza embaraçosa.

Durante a manhã toda não trocaram mais palavra. Fugiam-se como dois estranhos. Ella conversava muito, com outros rapazes, com outras meninas, tomando uns elegantes ares de senhora, fazendo uma grande ostentação das suas graças affaveis de meia dona de casa, mostrando saber fazer sala, alardeando a sua illustração variada e de bom tom.

Elle, cá de longe, n'outros grupos, tomava tambem a sua *pose* de rapaz de Lisboa: fallava muito no Tinoco, discutia touradas, contava façanhas de valentia em desordens armadas no Chiado.

Ao jantar, os primos ficaram nos seus logares antigos, n'aquelles logares que ha sete annos não tinham dono.

Então conversaram, não podia deixar de ser...

Elle, que de longe a achava muito tola, muito impostora, não poude deixar de concordar com os seus bellos olhos negros, que achavam a priminha encantadora: ella, que todo o dia lhe estivera a metter raiva o primo, tão *poseur*, tão idiota, concordou tambem com os seus suaves olhos azues, que achavam o Quin um galante rapaz.

E assim, de accordo cada um comsigo mesmo, principiaram a entender-se muito bem um com o outro. No fim de jantar ella já não foi para o grupo das suas amigas, elle já não fallava no Chiado, e como a Lulu e o Quin antigos, correram ambos pela quinta fóra, e sem darem por isso, insensivelmente, inconscientemente, acharam-se ambos no pomar...

No chão estavam cahidas tristemente, como quem ha muito tempo já não tinha quem as apanhase, umas pobres flores de laranjeira, muito brancas, que embalsamavam com o seu perfume.

Os dois olharam-se e sorriram...

Ella baixou-se para apanhar as formosas flores... Elle baixou-se tambem... as suas mãos encontraram-se... ella corou... mas d'esta vez a mão não fugiu...

GERVASIO LOBATO.

UM CRIME

As flores que tu me deste
Guardei-as eu, cuidadoso,
N'um cofresinho doirado;
E é tão grande o meu cuidado,
Que ando sempre receioso
De perder o que me deste.

Implorei-t'as a sorrir,
Os olhos nos teus fixando,
N'um vago tremor d'enleio.
Soltaste-as então do seio,
E as florinhas olvidando,
Ficaste muda, a sorrir.

Ha silencios eloquentes
Que a palavra não traduz,
Mas que são o nosso encanto...
Se a mudez dizia tanto,
E 'spargiam tanta luz
Os teus olhos eloquentes!...

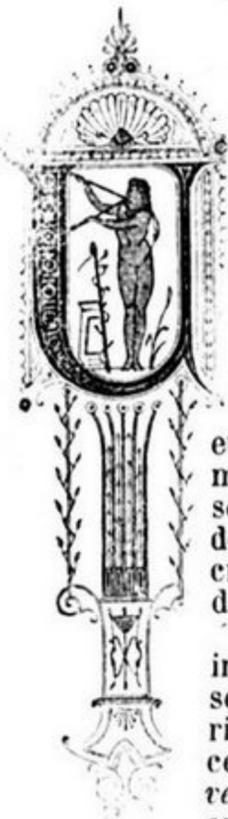
Contemplava-te enlevado,
Mas a furto, quasi a medo,
Com receio de assustar-te.
Não queria revelar-te
O meu sonho, este segredo
Que me deixára enlevado...

E foi tal a distracção,
Que depois que tu partiste
Commetti um grande crime...
Não sabias? Atrevi-me...
Que loucura! Pois não viste
O que fiz por distracção

A RUINA

Ouve: as flores que me deste
Guardei-as; mas sem pensar,
Quasi doido, delirante,
Na vertigem d'esse instante,
O meu crime foi beijar
As flores que tu me deste...

LORJÓ TAVARES

O SALÃO DE MADAME ADAM

UMA larga escada direita,—o que é raro em Paris, — e alcatifada como todas as escadas elegantes da capital da França, sobe-nos, não sem alguma fadiga, a esse olympico terceiro andar do Boulevard Poissonière, onde mora a Egeria da Republica. Ao transpormos o limiar do gabinete de trabalho de madame Adam, tudo, desde o severo estylo imperio dos moveis, até á accumulação dos livros, empilhados nos raios das estantes, atirados desgarradamente para cima das mesas, tudo nos indica a laboriosa e vibrante personalidade de uma mulher superior.

Foi em uma quinta feira do mez de maio que eu vi pela primeira vez essa estranha e corajosa mulher, que com os tacões das suas botinas de setim esmagou o Paris-serpente, o Paris motejador e sceptico, que por muito tempo lhe mordeu, cravando-lhe na harmoniosa e alabastrina curva do seio, o dardo da troça.

No momento em que eu subia, palpitante da irreprimivel curiosidade que desperta em nós um ser complexo, de quem todos contam uma historia romanesca, madame Adam descia para ir receber no *bureau* do rez do chão, o *bureau* da *Nouvelle Revue*, os litteratos, os pretendentes e os amigos, que vão ás quintas feiras, das 3 ás 5 da tarde, comprimental-a, adulal-a e sollicital-a.

Encontrámo-nos na escada, e ella convidou-me a acompanhal-a á redacção do seu jornal e a passar ao seu lado essas duas horas, de longa dacta consagradas ao devoto exercicio de receber no thuribulo das adorações hebdomadarias, os grãos de incenso dos fieis.

Raro e singular espectaculo esse que o acaso deparava á minha provinciana ignorancia das formulas, do ceremonial decorativo e do culto activo de que se rodeia em Paris a alta vida litteraria.

A *Nouvelle Revue*, uma revista quinzenal, que dispõe hoje em França de uma larga voga, occupa todo o vasto rez do chão de um enorme predio do Boulevard Poissonière. Para um amplo pateo rectangular abrem dez ou doze grandes portas de madeira preta e vidro polido, as quaes conduzem á typographia, ao *bureau* da administração, á casa onde se guarda o papel, e áquellas onde se escreve, onde se revê onde se pagina, onde se expede o jornal, etc., etc.

Na sala de recepção, guarnecida de estantes carregadas de livros, uma enorme mesa de pau santo, de um aspecto sombrio como a côr dos estofos, dos reposteiros e das paredes, prolonga-se ao centro da casa. E na moldura austera d'esses moveis, d'essas paredes, d'esses quadros, d'esses livros, nas pregas densas d'esses pezados estofos, a figura de Julietta Lamber refulgia com um intenso brilho, com o relevo pagão de uma Galatheia arrancada de subito á algidez do marmore e vivificada pelos ardentes beijos de Pygmaleão.

A's 3 horas e meia sentiu-se no pateo o aspero bater das portinholas das carruagens e das ferraduras dos cavallos, ferindo as pedras, e começou o desfilar dos homens e de algumas mulheres, annunciados pomposamente pelos seus nomes.

De pé, no meio da sala, sem nunca se assentar, precisamente como uma rainha quando recebe, a viuva de Edmond Adam acolhia os recemchegados: poetas que vinham ler versos ineditos, prozadores que vinham trazer artigos, pretendentes que sollicitavam um talher á meza do orçamento, esperando obtel-o por intermedio da grande distribuidora de graças, intima de todos os ministros e deputados, e, finalmente, uma *bas b'eu*, vestida de modesta lã preta, que vinha pedir á *Revista* a mercê de a insculpir em letra redonda.

Com um sorriso singularmente captivante, impregnado de uma doçura de colmeia, madame Adam prodigalisava-se, promettendo a uns, negando-se a outros, dando a muitos respostas ambiguas, que Talleyrand perfilharia, e deixando cair do *bout* dos labios estreitos, graciosamente cortados em til, phrases de uma graça penetrante, envolvidas em um sorriso longo como uma caricia.

Em quanto ella fallava, eu procurava photographar na memoria a melodiosa e suave physionomia d'essa provençal, que cravou os seus dentinhos brancos no pomo vedado, no momento em que Satanaz dormia, e que em vez de descer, como os outros peccadores, ao inferno, onde a esperança morre, subiu ao septimo céo da felicidade:—á riqueza, que permitte a realisação de todos os caprichos, á consideração, que é a quinta essencia de todos os gosos.

Julietta Lamber é alta e possue a bem equilibrada plastica das mulheres que ao perderem no fatal Cabo Tormentoso dos trinta annos a flexivel e serpentina graça dos sylphos, oppãem despoticamente ás invassões da carne o dique de um espartilho de sessenta.

Ignoro qual o numero de primaveras que possa haver atravessado essa mulher encantadora, que tem no olhar azul a chamma do sol do Meio Dia, que tem no sorriso, que nos enlaça de subito e nos conquista de assalto, o profundo e indefinivel attractivo da sensibilidade feminina, diante da qual se prostrou, amansado e humilde, o leão que se chamava Gambetta; que tem nos cabellos uma subtil poeira do lyrio, nos cabellos brancos, que lhe engastam soberbamente a fronte imperial.

Um litterato, dos que faziam roda, fallou da *Arlésienne* de Daudet, representada pela primeira vez na vespera.

Julietta Lamber perguntou-me se eu tinha visto a peça, exprimindo a viva impressão que lhe causára a maravilhosa factura litteraria dos dialogos, e acrescentou, inundando a phrase do seu indescriptivel sorriso luminoso e doce: «*Le misérable m'a fait pleurer!*»

*

Na noite immediata, uma sexta feira, entrava eu ás 11 horas no legendario salão de madame Adam, resplandecente de luzes, de flores, de mulheres esplendidamente despidas, exhibindo os decotes, profundamente cavados, que deixam a perder de vista as tunicas do Directorio.

Nas cadeiras, dispostas em plateia, assentavam-se as mais formosas, as mais mundanas e as mais illustres mulheres de Paris: princezas e romancistas, esculptoras coroadas no *Salon* e chronistas célebres, entre as quais sobresaia a cabeça loira e os olhos redondos de chimera esmaltada de miss Rown, o *Maurice Reynold* do Figaro.

As cazacas dos homens punham uma grande pasta de tinta preta no lado da sala opposto áquelle onde palpitavam as rendas, enroscando-se nos setins, e as flores e os diamantes morriam, accendendo-se convulsivamente na curva sinuosa dos hombros.

Em um grupo de homens, a cabeça typica de Leconte de L'Isle,—o fino e impeccavel artista da forma,—afogada em uma cabelleira de Antony e pontuada pelo brilho caustico de um monoculo, passava por cima de todas as cabeças.

A distancia de alguns passos desempenava-se, parecendo tocar no tecto, a elevada estatura de Lesseps; ao lado d'elle Vitu conversava com Pailleron; creados de calção e meia de seda esticada atiravam para o meio da sala, cantando-lhe os titulos, os nomes das pessoas que iam chegando.

As salas enchiam-se de litteratos, de deputados, de ministros, de diplomatas, de jornalistas.

Ninguem, por caso algum, faltaria a essa sexta feira,—a ultima,—que fechava com chave de oiro as brilhantes recepções de madame Adam.

Eu fôra n'essa mesma noute a casa de Victor Hugo: á despedida, o grande poeta disse-me, apertando-me a mão: «*Dites a madame Adam que j'ai parlé d'elle.*»

Repeti-lhe, logo que entrei, as palavras do Mestre, sempre escutadas como as de um oraculo, e acrescentei que para não faltar ao seu gracioso convite tivera de devolver a Alexandre Dumas um camarote que elle me offerecera.

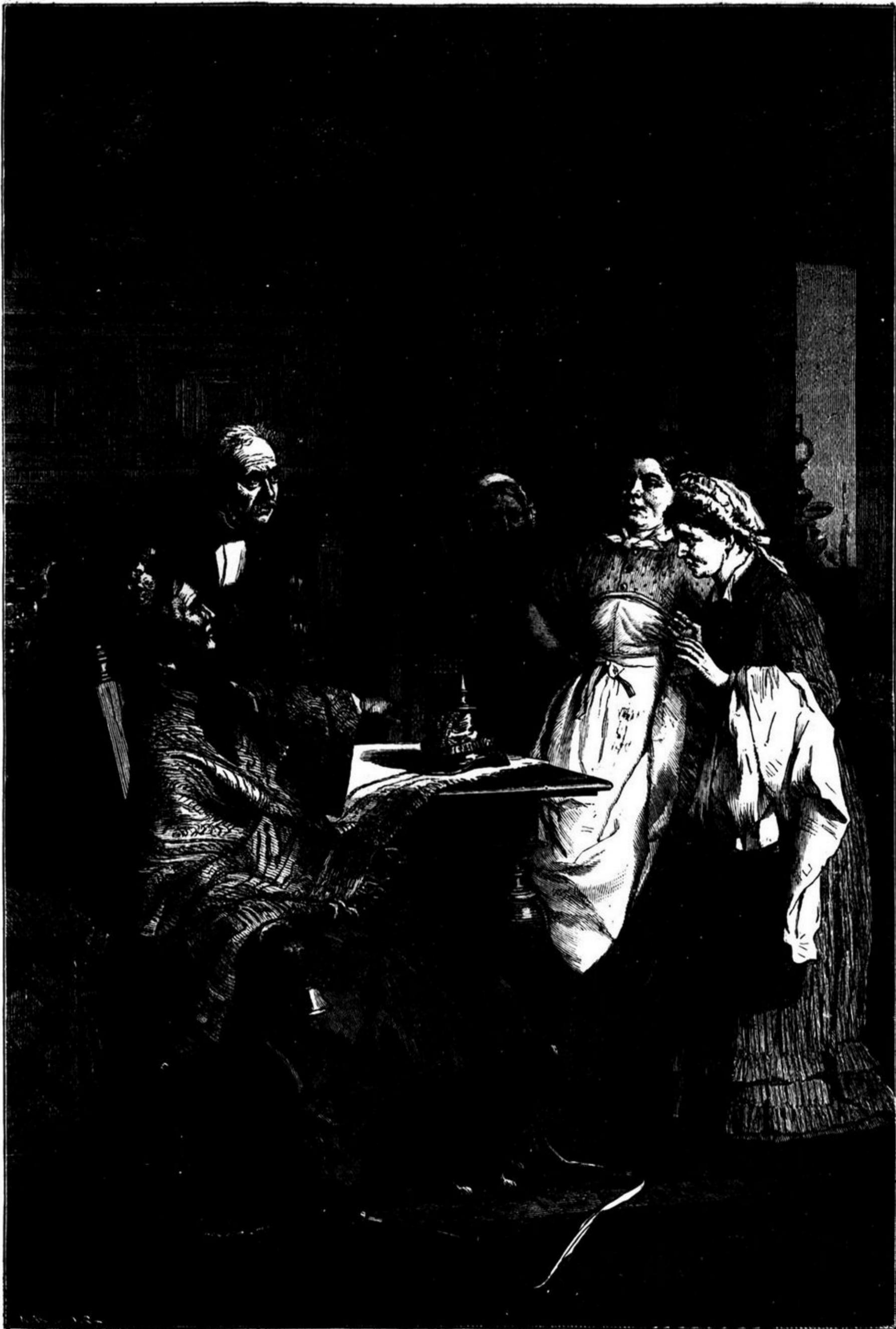
Julietta Lamber respondeu-me, sempre atravez do sorriso que lhe esvoaça constantemente na bôca espirituosa, um sorriso azul e infinito como o céo: «*Il doit bien le comprendre.*»

Pouco depois, madame Adam aprezentava-me á nora e ás duas netas de Georges Sand, duas formosas meninas de 17 a 18 annos, cabeças originalmente bellas, cabellos abundantes e escuros, olhos grandes, profundos e ardentes, um reflexo d'esse terrivel e fascinador olhar que arrastou aos pés de *Lelia* tantos felizes, e tantos desgraçados!...

A' meia noute começou o concerto: mademoiselle de Blaise, uma cutis de rosas desabrochando na espessura de uns cabellos de oiro, um amor de Greuze, cantou deliciosamente a *Plaie* de *Gounod*, e por entre os scherzos dos violinos e os *Nocturnos* de Chopin, batendo as azas nos violoncellos, actrizes da Comedia Franceza e do Odeon recitaram Hugo, Musset, La Fontaine e Molière, como só ellas sabem recitar.

A's duas horas da noute servia-se no bufete uma ceia opipara: pyramides de morangos e de cerejas, bordadas de relevos de flores e de arabescos de folhagens, explosiam na alvura da toalha; os gelados, as sandwiches, os chaufroix, o salmão, o caviar eram devorados pelos labios humidos de Chateau Yquem, de Marsala de Tokay das princezas *gourmandes*.

E em quanto se conversava alegremente, na effusão dos vinhos que espumavam, dos gelados que tremiam, das espaduas nuas que ondulavam provocantemente em um banho de luz macia e quente, escorrendo dos candelabros, lembrei-me da historia que ouvira a uma d'ellas, a uma das princezas que saboreava um gelado de ananaz, suspensa dos labios de madame Adam.

Uma noute,—é a princeza quem tem a palavra—,Gambetta, que

O CAPACETE

acabara de jantar copiosamente, entrou em casa de madame Adam.

Como se sabe, foi Gambetta que inventou o salão de Julietta Lamber, esse salão que governou por espaço de alguns annos a França politica e que ainda hoje governa a França litteraria.

O que não podera conseguir o talento, a belleza e a soberana graça da escriptora, conseguira-o, de um dia para o outro, a omnipotente influencia de Gambetta.

N'essa noute a sala da directora da *Nouvelle Revue* estava litteralmente guarnecida do *Tout-Paris.*

Gambetta, exaltado pelas libações do Johannisberg e do Champagne, esqueceu-se de pôr a mascara, e na presença do *tout-Paris,* do Paris feminino e do Paris masculino, disse, curvando-se para a viuva de Edmond Adam:

—Dás-me um beijo, Julietta?

Julietta poz, acto continuo, o Romeo no patamar da escada: Gambetta amuou, evadiu-se ao doce captiveiro, e das salas de madame Adam debandou a flor do alto mundo politico.

A Sereia, porém, não se deixou abater pelo revez da sorte que a ferira de subito, em pleno Olympo.

Com as suas pequenas mãos, que parecem modeladas por Carpeaux, teceu uma fina rede de oiro, estendeu-a e esperou.

E Paris, o inaccessivel e inconquistavel Paris, deixou-se arrastar!

GUIOMAR TORREZÃO

AS NOSSAS GRAVURAS

ALCANTARA

Alcantara, freguezia da Estremadura, no concelho de Belem, districto administrativo de Lisboa, tem por orago S. Pedro, e compõe-se de mil fogos e quatro mil almas.

Foi ahi derrotado D. Antonio, prior do Crato, a 25 de agosto de 1580, e d'esse dia data a usurpação dos 60 annos.

Ainda então este sitio era quasi deshabitado, mas o rio de Alcantara era maior do que hoje.

Na ponte de Alcantara hove um combate, a 14 de maio e outro a 10 de junho de 1809, ambos contra os francezes.

N'esta ponte, que a nossa estampa representa, e que foi alargada em 1743, está collocada a estatua colossal de S. João Nepomuceno, obra do esculptor italiano João Antonio de Padua.

Os moradores do bairro mandaram-lhe pôr a inscripção seguinte:

S. JOANNI NEPOMUCENO,
NOVO ORBIS THAUMATURGO TERRAE,
AQUIS, IGNI AERIQUE IMPERANTI,
ADQDE CUM ALIAS TUM PROESERTIM
IN ITINERE MARITIMO LUCULENTO
SOSPITATORI SUO GRATI ANIMI
ERGO HANC STATUAM CLIENS
DEVOTISS. AN REPARAT. SALUT.
MDCCXLIII
João Antonio de Padua a fez

A traducção é: A S. João Nepomuceno, novo thaumaturgo do mundo, dominador da terra, do fogo, da agua e do ar, e sobretudo do aplacador dos mares, um seu devoto, reconhecido para com o seu protector, ergueu esta estatua, no anno de 1743, depois de salvo.

O palacio real de Alcantara, vulgarmente chamado do *Calvario,* por estar no largo do mesmo nome, em frente do convento das *flamengas,* está ás portas de Alcantara, do lado do O., no caminho de Belem, á direita, é de pouca apparencia e sem architectura que o recommende.

Parece que era propriedade particular de algum verdadeiro portuguez, e que Filippe II lh'a sequestrou. Esteve deshabitado até á regencia da rainha D. Luiza de Gusmão, viuva de D. João IV.

D. Affonso IV foi residir para elle em 21 de Junho de 1662.

Em 1693, serviu de residencia á infante D. Catharina de Bragança, rainha de Inglaterra, viuva de Carlos II, e que foi regente de Portugal.

Era a residencia de verão, favorita de D. Pedro II, que ali morreu em 1706.

O terremoto de 1 de novembro de 1755 arruinou muito este palacio, que depois foi reedificado e mais tarde dado a Francisco José Dias, para estabelecer uma fabrica de chitas; mas como elle não cumpriu esta condição, voltou á corôa em 1808.

Hoje serve de habitação gratuita a algumas viuvas e a alguns criados da casa real.

Tem uma quinta com um jardim, pomares, horta, e um grande tanque.

Nas vastas cocheiras d'este palacio guardam-se alguns dos mais antigos coches da casa real.

Alcantara foi, até á restauração, um sitio quasi despovoado. Com a residencia de D. João IV, sua irmã e seus filhos, no paço de Alcantara, é que se foi povoando, e adornando de boas casas, até que formou um bairro e depois do terremoto de 1755 uma parochia.

ATÉ Á VOLTA!...

Esta formosa estampa faz-se comprehender por si mesma, e por si mesma, tambem, se insinua no nosso espirito.

A mulher do marinheiro está vendo, de um alto, a partida do barco, e mostra de longe o filhinho estremecido, ao pae, que vae de viagem, auzentar-se por longos mezes.

Ha, n'este quadro singelo, um sentimento profundamente religioso.

O marinheiro é, de todos os homens, o que mais resiste á incredulidade. A longa entrevista com o infinito, em que passa a sua vida, tempera-lhe a alma e robustece-lh'a contra impressões ruins.

Alevanta-se e engrandece-se de toda a grandeza do espaço que o rodeia!

O ruido magestoso das cousas cobre o rumor das paixões mesquinhas. O ter de recolher-se em si, porque uma viagem no mar equivale a uma reclusão, dá-lhe o dôbro das facultades de intuição e de presciencia.

Um impulso o leva a saber verdades occultas: sonda intenções; descobre coisas desconhecidas.

Para elle, um ponto negro que aos olhos de outros, não passaria de ligeira mancha no ceu, transforma-se em percursor de uma grande tempestade, é prenuncio de desgraças enormes.

Se partisse sem ver os seus, se, ao largar o barco, nem a mulher nem o filho lhe apparecessem, a viagem iria agoirada.

E, porque a nitidez minucciosa, que o exercicio da arte maritima dá aquelles homens, ande junta á melhor poesia que a contemplação possa offerecer, o marinheiro marca, como um chronometro, a hora do destino, e salta em terra com o dom da segunda vista.

Aquella creança, que a mãe levanta ao ar nos braços, quer para elle dizer, pela voz de Deus:

—Até á volta!...

A RUINA

N'uma crise d'estas quem soffre mais, o homem que vio aproximar-se a catastrophe pouco a pouco, ou a mulher que a vê desabar repentinamente?

E' o caso d'um jogador que se arruina até chegar á extremidade de ver os officiaes de justiça levarem-lhe as ultimas coisas que possuia. A mulher quer ainda consolal-o, coitada, ella que não jogou e que tudo perdeu. E a pobre creança, que ainda não percebe nem o que é jogar, nem o que é perder, mas que ha de vir a saber que foi ferido pela ruina! O pae jogou as propriedades, a casa em que vive, os bens da mulher, e até o pão do filho.

Quando a creança accordar d'aquelle somno da infancia, então saberá o que lhe succedeu.

O CAPACETE

A gravura explica-se em quatro palavras.

Os amos, dois velhotes muito tementes a Deus e d'uma austeridade de costumes inexcedivel, voltaram para casa antes da hora a que eram esperados pela criadagem. A primeira coisa que se lhes deparou foi um capacete de municipal montado, a luzir em cima da mesa.

Tocou-se a capitulo. Um capacete não é coisa que caia do ceu no seio d'uma familia. Aquelle objecto marcial era, por força, a synthese d'um escandalo monstruoso e inaudito.

Ao toque de campainha sacudido da patrôa, veio tudo á falla; a cosinheira, e creada do quarto, e a velhota que desempenhava as funcções de mordoma.

Procedeu-se ao interrogatorio. A cosinheira pimpona, de mão na ilharga, declarou que era completamente estranha ao facto; a creada do quarto, toda lingenua e ruborisada, jurou, por quantos santos havia, que não tinha nem um primo na tropa; a velha, pelo seu lado, benzia-se e fallava vagamente em bruxedo...

Do conselho d'investigação não poude apurar-se cousa alguma; mas o que é certo é que n'aquella mesma noite, e á mesma hora em que se passava a scena acima esboçada, entrava esbaforido e affegante, no quartel do Carmo, um municipal descarapuçado.

....

D'ali a pouco menos d'um anno a roliça cosinheira transformava-se em ama de leite.

Coisas do capacete!

UMA SURPREZA

Deitara-se na vespera do Natal, serena e quieta, pensando vagamente n'uma linda boneca que a tinha tentado na vitrine da *Aguia d'Ouro,* n'uma *toilette* branca e azul, como a da prima Laurinda, e n'um pequenino serviço de porcelana de Sévres, muito elegante e muito vistoso, que faria as suas delicias.

Antes de adormecer sobre a oração da noite, communicou á mamã estes pensamentos, e beijou-a soffregamente, com uns beijos

em que havia supplicas escondidas, desejos dissimulados. Depois, por altas horas, sonhou com tudo aquillo; vio a boneca sorrir-lhe aos pés da cama, toda sécia e garrida; o vestido azul estendido sobre a colcha de setim; o pequenino serviço de chá disposto artisticamente sobre uma mêsinha de charão, junto do leito, e, o que é mais, uma vistosa arvore de Natal, á cabeceira, de cujos ramos ella podia colher, mesmo deitada, cartuchos de bonbons, e brinquedos adoraveis.

Por artes magicas, o sonho tornou-se realidade, graças ao amor materno. De manhã, ao accordar, a gentil creança viu-se rodeiada de tudo quanto enxergára nos seus sonhos côr de rosa, e ficou boquiaberta d'espanto, louca de alegria.

Foi n'essa attitude contemplativa e extatica que o pintor a surprehendeu.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

EXPEDIENTE

No nosso segundo numero encetaremos a publicação d'um romance de costumes portuguezes, escripto expressamente para este semanario pelo distincto escriptor, Gervasio Lobato.

*

Toda a correspondencia relativa a assumptos de redacção, e só a estes, deverá ser enviada a *Tom P uc*, como de costume.

CHARADAS

NOVISSIMAS

Não é boa no mar esta cidade brazileira—1—2.
E' grande e não nos vê este mammifero—1—2.
Este pronome e este fidalgo é um cetaceo—1—2.

José Augusto Teixeira Brito.

(A J. J. de Faria Guimarães Junior)

Esta primeira na musica, na musica e na musica, é de musica—1—1—1-1.

Porto. N. A. d'Albuquerque.

Duas vezes dois é ver ao longe—1—1.

Belem. Dias.

Esta mulher está no mar e nas casas—2—2.

Braga. A. Viegas.

EM VERSO

Mestre: eu só lhe pago um terço
Do concerto, é muito caro!—1
Tambem commetto injustiças
Muitas vezes?! Caso raro. 2

Deus t'a dê como a desejas!
Não te rogo praga. Eu sei?
Seja ella tão de lei,
Tão boa que outra não vejas.

Foca pequena.

EM QUADRO

Esta ave — — —
é instrumento musico — — —
da Arabia — — —

J. D. V.

EM ACROSTICO

. . l . . — Bolo.
. . m . . — Versejou.
. . m . . — Para o combate.
. . z . . — Fructos.
. . i . . — Na America.
. . a . . — Ave.

As lettras iniciaes e as finaes formam duas nações europeas.

Lisboa. Manacio.

CHARADA DUPLA EM ACROSTICO

— — — — Heroico — Espinho
— — — — Prega — Producto
— — — — Ordem — Expressão
— — — — Medida — Animal
— — — — No arado — Peixe
— — — — Roubo — Habil
— — — — Fruta — Trave
— — — — No theatro — Na arvore
— — — — Resma — No navio
— — — — Erva — Vestidura

Para se decifrar esta charada é necessario subtrahir uma lettra a cada palavra.—O acrostico é nome de mulher.

Elvas. A. J. N. S.

LOGOGRIPHO

Em quadra no canto está.—1—2—4—5
P'ra ser eu falta-lhe o H.—2—1—5—1
No mar tenho utilidade—3—5—1—2
Dos livreiros sou salario.—4—2—1—2
Logar triste e solitario.—5—3-1-2

Onde me encontram, leitores?
Sem custar muito se explica:
—Nos tinteiros dos doutores
E nas drogas da botica.

Lisboa. J. F. S.

ENIGMA

PROBLEMA

(Ao ex.^mo sr. Moraes d'Almeida)

Dividir um quadrado em cinco partes eguaes, á excepção de uma, que deverá ser um quadrado cuja superficie seja egual á quinta parte da do primeiro, ficando, comtudo, todas eguaes em superficie.

Porto. Trindade.

DECIFRAÇÕES

Das charadas:—Aracaju—Villa Nova—Romaria—Mosca—Casa—Almofada—Poente—Pecego—(Chalupa—Rabalva—Laparo—Acoro—Naveta—Rebolo).
Dos logogriphos:—Relogio—Cartago.
Da pergunta enigmatica:—Souto.
Do enigma:—Entrevista.

A RIR

N'um casamento civil, o official de registro procedendo ás formalidades da ceremonia, lê aos noivos os artigos do Codigo que lhes dizem respeito.

De repente, porém, pára, e fechando o livro, exclama:

—E' inutil estar com massadas; o resto aprende-se pela pratica!

*

Um professor fazia uma amputação diante de grande numero dos seus discipulos, e o pobre paciente gemia e soluçava. Irritado por ouvir tantos ais, o homem de sciencia bradou para o enfermo:

—Faça favor de se calar; d'outro modo não nos entendemos! Estão aqui, pelo menos, cincoenta pessoas, e é o sr. o unico que se queixa!

*

A menina Lili, que tem apenas seis annos, interroga o menino Toto, dois annos mais novo que ella:

—Para que servem os dentes?
—Para mastigar.
—E os pés?
—Para andar.
—E os dedos?

Toto reflecte um instante, e responde:
—Para metter no nariz.

UM DOMINÓ.

UM CONSELHO POR SEMANA

Não consintas nunca, estimavel leitora, que teus filhos toquem nos loendros: ha, nas flores e nas folhas d'este bonito arbusto, um veneno mortal. Recommenda-lhes, tambem, que não colham nunca a brionna selvagem: as flores e as bagas d'esta planta fornecem um purgante muito energico; as suas bagas vermelhas são em extremo perigosas.

Não os deixes, egualmente, tocar nas sementes da catalpa, porque conteem principios venenosos.

Quem nos avisa, nosso amigo é.

O AMOR

N O seu pequenino gabinete, mobilado com o supremo bom gosto da mulher distincta, a viscondessa, languidamente reclinada na *chaise longue*, conversava com o doutor,—um medico respeitavel e um bom e velho amigo, que ella tratava com a maior intimidade.

A conversação recahira casualmente sobre o amor. Aguilhoada, talvez, pelo ciume —essa implacavel áspide que se occulta nos floridos rosaes do amor—a viscondessa, dando ás suas palavras o tom de uma profunda convicção, dizia:

—Eu, meu caro doutor, sustento que só as mulheres sabem amar, só ellas são capazes de comprehender esse sentimento indefinivel que se alimenta do ideal, só ellas são capazes das sublimes dedicações, dos extraordinarios sacrificios que elle não poucas vezes exige.

—Minha senhora, permitta-me V. Ex.ª dizer-lhe que nas suas palavras transpira um pequenino despeito pessoal, que a torna cruelmente injusta. As mulheres, geralmente, dotadas de um caracter mais terno, de uma sensibilidade mais melindrosa, de um organismo mais vibratil ás excitações intimas, são, sem duvida, mais propensas a deixarem-se avassallar pelo sentimento, que é, por assim dizer, a essencia da sua alma, como o perfume é a essencia da flor. E' por isso que ellas são sempre constantes ao amor, embora muitas vezes o não sejam... aos amantes. O homem, porém, apesar de mais accessivel ás sensações do que ao sentimento, não é, como V. Ex.ª pretende, completamente refratario a esse amor ideal a que se refere.

—Não digo que não haja excepções, doutor, mas em geral o amor dos homens quasi nunca é mais do que uma effervescencia passageira. E', se me permitte o simile, como o acido carbonico contido n'uma garrafa de champagne: faz saltar a rôlha com estrepito, mas volatilisa-se logo, e o liquido que nos apparecera fervente e espumante, converte-se pouco depois n'uma limonada chilra.

—V. Ex.ª engana-se:—essa effervescencia em que falla não é amor: póde ser um capricho, um devaneio, uma chimera a que se sacrifiquem as grandiosas illusões do coração, mas não passa d'isso. O amor, o verdadeiro amor, é uma planta exotica, que nasce nas almas escolhidas e ahi cresce e medra, enraizando-se por forma que na vida de um homem não pode haver mais do que um verdadeiro amor.

O doutor, apesar dos seus cabellos brancos, discutia estes melindrosos assumptos do coração com um enthusiasmo, que uma pequenina risada incredula da gentil viscondessa não conseguiu arrefecer.

—Affirmo-lhe, minha senhora, a inconstancia é incompativel com o amor. Quando se principia a ser inconstante é porque o coração, embotado, deixou de ter a faculdade de amar. Quer uma prova? Oiça-me. Quando eu amei pela primeira vez era uma creança, tinha doze annos.

—E d'ahi?

—D'ahi, esse amor teve sobre mim um tão violento imperio, que atravez de todas as vicissitudes da minha vida, nunca mais esqueci a mulher que me fizera desabrochar no coração esse primeiro affecto.

—Deve ser uma historia interessantissima. Quer ter a bondade de m'a referir?

—Com muito gosto, e estou certo de que ella modificará a desfavoravel opinião de v. ex.ª ácerca do amor dos homens.

E o velho medico, correndo a mão pela fronte, como que para avivar recordações da sua longinqua mocidade, começou:

«Era eu estudante de preparatorios, e contava, como já disse, os meus doze annos. Meus paes tinham ido passar o verão para o campo; e eu, como estivesse em ferias, acompanhara-os. Na ampla liberdade do campo a convivencia contrahe-se de um dia para o outro, e da convivencia ainda mais facilmente se passa á intimidade. Foi o que succedeu entre minha familia e a de um velho general reformado, egualmente em villegiatura n'uma casa proxima da que habitavamos. Amiudavam-se as visitas, succediam-se os passeios, em alegre convivio, ao longo dos campos, pela fresca da tarde, quando ao longe o sol se escondia lentamente, irradiando ainda, atravez da folhagem densa das arvores, os seus ultimos clarões.

«O general tinha uma filha formosissima. Chamava-se Eugenia, e contava a esse tempo dezesete annos. Evolava-se do seu todo um estranho perfume de bondade, attrahente e mysterioso como o perfume das violetas; e no sorriso calmo que lhe parava á flôr dos labios, e no olhar ungido de suavissima doçura, havia reflexos da inexcedivel puresa da sua alma.

«Quando a gente a fitava parecia que no coração se nos abria um céu constellado de esplendores. Invariavelmente vestida de branco, com um chapeu de palha guarnecido apenas de uma grinalda de flôres silvestres artificiaes, e de um veu de gaze fluctuante á viração da tarde, lembrava uma visão celestial, seguindo lentamente ao longo dos caminhos, por entre os massiços espessos da verdura. Os olhos, de ordinario semi-cerrados n'uma casta voluptuosidade, como que para abrigarem no veludo das palpebras o delicioso sonho que a absorvia, vageavam-lhe ao acaso no espaço, sem se fixarem em nenhum ponto determinado; e os seios virginaes tremiam-lhe agitados sob o *corsage*, como duas pombas timidas ao sentirem-se agarradas de subito.

«Era encantadora, encantadora!

«Decorreram assim muitas semanas. Mais de uma vez estive para me lançar no seu caminho, ajoelhar-lhe aos pequeninos pés e confessar-lhe que a amava, que a adorava... Chegada, porém, a occasião, tremia, hesitava, e afinal nunca me atrevi. Receiava que a ardente explosão do meu amor de adolescente fosse acolhida com uma fria gargalhada desdenhosa, que n'um momento despedaçaria todo aquelle castello de illusões dulcissimas a que o meu espirito se remontava. Tinha ás vezes dias de um profundo desespero, dias em que chorava amargamente. Aquelle primeiro amor, que eu recalcava no intimo do peito, occultando-o como se fôra um crime que receiasse divulgar, era tambem a minha primeira dôr.

Passaram-se alguns annos, e como eu houvesse terminado os preparatorios fui-me matricular na Universidade. Durante esse tempo só rarissimas vezes a tornára a vêr, mas apesar da ausencia, não a tinha esquecido, como não a esqueci depois, n'essa radiosa Coimbra, no meio da alegre e despreoccupada vida academica, toda cheia do ardor irrequieto e expansivo da mocidade. Soube então pelos jornaes que ella casara, e essa noticia encheu-me de uma invencivel amargura. Todas as minhas esperanças, todas as minhas illusões, cahiam desfeitas para sempre. Passeei o meu desespero, em longas noites de insomnia, pelas viellas tortuosas da velha cidade; blasphemei de Deus e do destino, que assim me roubava a mulher de cujo seio eu fizera o cofre precioso dos fervidos sonhos do meu pensamento; carpi sósinho as minhas maguas debaixo d'esses mesmos cedros seculares a cuja sombra a desditosa amante de um monarcha chorou os seus infortunios. As grandes dores, porém, são como os grandes incendios: quanto mais violentos, menos aturam. Pouco a pouco o desespero foi-se acalmando, e com esse decrescia a paixão que a formosissima Eugenia me inspirara. E' que ha sempre em nós um fundo de egoismo que prevalece até sobre os sentimentos mais profundamente arraigados. Para que nos havemos de afervorar no culto a uma divindade de que não temos a esperar favores?

«Era isto, pouco mais ou menos, o que eu pensava. Diligenciei, portanto, sarar de todo a ferida, ainda mal cicatrizada, d'aquella primeira paixão, lançando-me nas aventuras faceis, nas conquistas d'acaso. Fiz-me o mais Lovelace possivel; o coração, porém, conservava-se-me tão completamente insensivel a esses amores inconscientes, que eu chegaria a convencer-me de que o blindara de uma espessa camada de gelo, se de quando em quando o não sentisse espicaçado pelos agudos espinhos d'aquella primeira dôr.

«Pensei então em casar-me, e a realisação d'esta ideia affigurou-se-me desde logo a coisa mais facil do mundo. Que duvida poderia eu ter em acceitar o virtuoso programma de um casamento honesto?

Tratei por isso de fazer a minha escolha, que recahiu n'uma adoravel menina, tão graciosa como modesta, e que, pela sua educação e pelo seu caracter, fazia prever uma esposa carinhosa e uma *ménagère* solicita e desvelada; e a tal ponto me captivavam as suas nobilissimas virtudes, e o seu genio bondoso e insinuante, que immediatamente resolvi pedir a sua mão.

«A proposta foi acolhida com agrado pela familia da minha futura noiva, e, como eu a esse tempo tivesse já concluido a formatura, resolveu-se que o projectado enlace se realisaria o mais breve possivel.

«Vim então a Lisboa tratar de negocios que reclamavam a minha presença. Sentia-me satisfeito e feliz. A idéa da tranquilla

felicidade que me esperava absorvia-me inteiramente. Quem ha, porém, que seja capaz de prever o futuro? Ha acontecimentos inesperados, verdadeiras fatalidades a cuja influencia ninguem se subtrahe. Foi o que succedeu commigo.

Um dia encontrei casualmente Eugenia. Tinham-se passado uns poucos de annos. Vendo-a agora de novo, senti explosir dentro do peito, mais violento do que nunca, aquelle antigo amor, que eu julgava de todo extincto, e que comtudo existia latente no meu peito, como a electricidade athmospherica, que só produz a explosão quando se dá a conflagração das nuvens carregadas.

Comprehendi então que nunca poderia amar outra mulher que não fosse aquella. O coração ha de fatalmente pender para onde existir a attracção.

«Quanto ao meu casamento, conheci desde esse instante que seria impossivel, e n'esse sentido escrevi á minha noiva, confessando-lhe tudo, não procurando mesmo desculpar-me de um procedimento, no qual eu nem sabia avaliar quanto havia de incorrecto e de censuravel. E' natural que a pobre creança, vendo-se assim tão inopinadamente repellida pelo homem a quem esperava ligar o seu destino, ao sentir-se tão profundamente ferida no seu amor e no seu orgulho, chorasse amargamente, mas que afinal me perdoasse o que só á fatalidade poderia legitimamente attribuir.

Dias depois sahia do reino. Viajei por toda a Europa, e afinal fui para o Brazil exercer a clinica. Quando voltei a Portugal, ao cabo de mais de dez annos de vida trabalhosa, Eugenia tinha enviuvado, e na sua solidão, desfolhava piedosamente sobre a campa do marido os goivos da saudade.

«Confessei-lhe então, pela primeira vez, o ardente amor que lhe consagrara sempre, tudo o que por ella soffrera, toda a plenitude d'aquella paixão que me subjugara em tão curta edade, toda a omnipotencia d'aquelle affecto que fôra, por assim dizer, o iman do meu destino. Sempre boa e consoladora, a sinceridade da minha confissão, e tambem, de certo, o orgulho de se vêr assim amada, commoveram-n'a até ás lagrimas. Consentiu em ser minha esposa. Casámos, e a partir do dia em que apertei nos meus braços a mulher que me inspirara essa primeira e unica paixão, julguei-me feliz, porque encontrára a realisação completa do ardente ideal que a minha imaginação concebera. Hoje ambos nós estamos velhos, e se não sinto já por minha mulher o amor impetuoso e vehemente da mocidade, consagro-lhe, todavia, uma ternura calma e profunda, que absorve inteiramente todas as minhas faculdades affectivas.

O doutor calou-se. Depois, encarando a viscondessa, perguntou-lhe com um sorriso:

—Continuará ainda duvidando de que nós, os homens, sejamos tambem susceptiveis de nos deixarmos avassallar por um amor unico e exclusivo?

—E o que me prova a sua historia, perfeitamente excepcional?

—Pelo menos a verdade d'estes dois versos de Musset:

«Doutez, si vous voulez, de l'être qui vous aime,

«D'un homme ou d'un chien, mais non de l'amour même.»

MAGALHÃES FONSECA.

UMA SURPREZA

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	2$080 réis.	Anno, 52 numeros..	10$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	1$040 »	6 mezes, 26 numeros	5$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	520 »	Avulso............	200 » »
No acto da entrega....	40 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa